

A LIBERDADE NA MORTE: JÚLIA CORTINES (1868-1948)

SYLVIA PERLINGEIRO PAIXÃO (PUC-RJ)

As duas últimas décadas do século XIX, no Brasil, vão marcar um período de grandes transformações sociais e políticas, dentre as quais a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República, que acenam com novas perspectivas impregnadas de otimismo.

Entretanto, como o pensamento brasileiro sempre esteve sujeito a influências de autores estrangeiros, não chegando nunca a criar formas de expressão inovadoras, era natural que assimilasse a atmosfera decadentista dominante na França do final do século. As tendências literárias se agrupam em torno do macabro, do satânico, refletindo o estado de decadência de certos indivíduos que mostram, numa atitude de enfado, o pessimismo e a libertinagem de quem se sente deslocado do mundo. A expressão "fin de siècle" entra para a história como um sinônimo de decadência, podendo significar tanto o fim, quanto o começo de uma nova era.

Entre nós, essas influências chegam através da França e de Portugal, acentuando os valores ocultos e misteriosos, a partir dos quais irá se desenvolver uma literatura sombria, impregnada pela idéia de morte, como se pode ver na poesia simbolista da época. A modernidade, num de seus pólos, inaugura o espírito pessimista, a visão degradante de uma época consumida por doenças e pestes. A

grande aventura da Vida, nesse momento, é a Morte.

No Brasil, a literatura feminina aponta agora para a liberdade trágica das mulheres — a liberdade na Morte. Como objeto do discurso, a mulher penetra no imaginário masculino sob a forma da noiva morta, da monja encastelada ou da esfinge de pedra; como sujeito do discurso, a mulher rompe com o simbólico pré-estabelecido, recusando a passividade e a inação — a mulher rejeita ser a esfinge de pedra, criada pelo imaginário do homem. É o que podemos comprovar no poema de Júlia Cortines, intitulado "Esfinge": Olha! Levanta agora a pálpebra/E o segredo desvenda enfim do teu olhar!/Fala! Descerra a boca há tanto tempo emudecida/Deixa o segredo enfim da palavra escapar!/Olha! Fala! Estremece! O meu olhar atento/Vai-te da imota frente ao imoto coração,/Buscando surpreender um fugaz movimento/Que revele o sofrer ou que traia a paixão.

A forma inicial de romper com o estabelecido como norma consistia em reverter a imagem criada pelo homem, a quem interessava manter a mulher como estátua de pedra. Os versos de Júlia Cortines incitam de forma veemente a que este ser inanimado ganhe vida através da palavra. A matéria bruta e fria da estátua esconde uma alma de mulher apaixonada que permaneceu confinada ao silêncio e à passividade próprias à estátua que ora é rejeitada. Num outro poema, a mesma autora questiona a existência do desejo como algo inatingível, misterioso e enigmático, remetendo à figura da esfinge: Não te dirá jamais, indiferente e calma,/Da natureza a muda e implacável esfinge,/A razão por que acende o desejo em tua alma/De um bem que atraindo, que foge e que nunca se atinge...

Júlia Cortines Laxe nasceu em Rio Bonito, Estado do Rio de Janeiro, a 12 de dezembro de 1868. Desde cedo demonstrou inclinação pela poesia, além de uma privilegiada inteligência. Fez seus primeiros estudos com a avó na fazenda de Monte Azul, indo em seguida para o Colégio In-

glês de Niterói. Depois de viajar pela Europa, começa a escrever para o Jornal *O País* uma coluna intitulada "Através da Vida". Publica seu primeiro livro, *Versos*, em 1894, com um prólogo de Lúcio Mendonça, que elogia a nova poetisa:

A esta que hoje vem, senhoril e airosa, assumir o lugar que lhe pertence em nossas letras, acolhei-a como da família, queridos poetas. (...) É assim esta insigne poetisa, nem há que levar-lhe a mal: espírito forte, não espereis dela nenhum lânguido sentimentalismo (...).

Em 1905, lança *Vibrações*, um volume de poemas onde afirma suas qualidades poéticas. Na primeira página, faz da epígrafe o resumo, não de um poema, mas de toda a obra. Louise Ackermann, poetisa francesa (Paris, 1813 - Nice, 1890), cujo pessimismo e espírito negativo haviam chamado a atenção dos críticos de sua época, abre o livro de Júlia Cortines com um trecho de seu poema "Le cri": "Je ne veux pas non plus, muette et resignée/Subir mon engloutissement."

A novidade consiste na utilização de uma epígrafe cujo sujeito se afirma como mulher e, além disso, numa atitude que rejeita o discurso até então pré-determinado a ela. A nudez e a resignação instauram a negação da fala-a-menos e assinalam o desejo de transformar a mulher-estátua, objeto do discurso masculino.

Júlia Cortines tem consciência de sua condição de mulher e propõe a palavra como forma de romper com a imagem pré-concebida. Mas todas as vezes em que fala do desejo, não consegue dominar por inteiro a sua expressão, que se dilui num escape, numa fuga, transformando o objeto real em uma névoa onírica. Penso no amor infindo/Que me prendeu ao branco/Raio do teu olhar; e minha alma de poeta/A buscar essa luz... E a luz vai recuando.../E a sombra vai subindo...

O encontro com o objeto de desejo se dá na poesia, mas sempre sob o estigma da loucura e da fantasia, espécie de escudo protetor que torna possível o discurso do

desejo feminino: Ele vem! Ele vem! Minha vista ansiosa/Per-
corre avidamente a trilha tortuosa/Que vai perder-se ao
longe, entre o sombrio valo... (...) Vejo, vejo também o
seu olhar, que procura/Meu olhar.../Ilusão! Fantasia! Lou-
cura!

A metáfora da "noite" é uma constante, simbolizando
o oculto, o recalque, uma forma de encobrir o que não pode
ser dito. As forças do inconsciente apavoram porque não
conhecemos o que se encontra fora do nosso domínio.

Jamais descobrimos um "não" no inconsciente, que é
livre de negações. O reconhecimento do inconsciente por
parte do ego se exprime numa fórmula negativa, tornando
visível o instinto de destruição. A afirmação do desejo
é o reconhecimento das forças vitais que assinalam o pri-
mado de Eros, impulsionando o ser em direção à complemen-
taridade. O negativismo pertence ao instinto de destruição
e pode ser encarado como uma difusão efetuada no momen-
to em que se priva o indivíduo dos seus componentes libi-
dinais.

Na poesia de Júlia Cortines, a afirmação do desejo,
segue-se o impulso à negação do mesmo, numa busca ao re-
pouso, ao nada. Vais repousar para sempre, ó meu cansado/
E triste coração!/Supus eterna, e, no entanto, é morta/Mi-
nha extrema ilusão/É morta. Sinto bem/Que não só de quime-
ras a esperança/Está dentro de nós extinta, como/O desejo
também.

Naturalmente, o contexto social parece explicar o
negativismo inserido nos poemas dessa autora que viveu sob
o influxo das idéias do Decadentismo, no fim do século pas-
sado. Mas o que tornaria mais claro esse falar onde a me-
lancolia e a morte eram obsessivos, seria o estudo poste-
rior efetuado pelo grande discurso da Psicanálise, intro-
zido por Freud.

Freud escreve o ensaio sobre a "Negação" em 1925, e a
leitura do mesmo é pertinente no sentido de compreender
melhor a poesia de Júlia Cortines.

Neste ensaio, Freud mostra que a imagem ou pensamento, quando reprimidos, só podem aparecer conscientemente através da negação dos mesmos. A idéia reprimida no inconsciente é visível na rejeição que se processa pela negação veemente dessa idéia ou sentimento. O objeto de desejo não está perdido, mas é preciso que seja negado e depois transformado em libido narcísica. A negação consiste, assim, no mecanismo básico que é acionado a fim de produzir a dessexualização, o não investimento.

Percebe-se claramente na poesia de Júlia Cortines uma fala do desejo envolvida pelo recalque, e isto se dá na excessiva menção da morte. O que vai definir a poesia de Júlia Cortines é a presença da morte, tema central da maior parte de seus poemas. Só vejo a natureza morta, como/Uma sombria e desolada estepe/É que longe de mim está: sem vê-lo/Trago a minha alma sepultada em gelo/Trago o meu coração envolto em crepe.

Ou ainda A mim, porém, a mim, que importa/A mim, cuja esperança há muito é morta/Que o tempo, como um rio que se escoia,/Nos arrebate as ilusões que temos?/Deixo em descanso os fatigados remos,/E que o barco da vida boie à toa.

Não se trata da morte, reflexo da morbidez, vista por seus contemporâneos simbolistas, como Cruz e Sousa ou Alphonsus de Guimaraens, para citar os dois nomes mais expressivos da época. Para eles, a morte exprimia o estado de alma em que ficaram os que não conseguiram seguir a transcendência por sentirem a sede de Deus, ou não atingirem plenamente a religiosidade: a morte era um abismo, mas também um descanso recompensador e reconfortante para o poeta que buscava o Nirvana, fato este que não ocorre com Júlia Cortines, cujo estado de não investimento revela o outro lado, inconsciente, da poetisa. Se a morte imprime a conotação de fim, de término, é também a possibilidade do recomeço, de um retorno ao estado primordial. Podemos dizer que a morte é um anseio de vida, a maneira de

afirmar a sua individualidade , o Ser do mundo.

O momento em que nascemos é o mesmo em que somos separados do corpo materno, quando nos tornamos seres individualizados e sujeitos à mortalidade. A ilusão de continuidade se desfaz e voltamos ao estado de descontinuidade. A morte proporciona a individualidade na vida, mas o ser humano teme a morte, logo afirma-se como o organismo que reprime a sua individualidade. Esta repressão se acentua mais fortemente na mulher, pois é ela quem vive na gestação a ilusão de continuidade, interrompida no momento do parto. A verdade é que o ser humano carrega, através de sua existência, o medo da separação e, por conseguinte, o medo da sua individualidade.

Podemos aventurar a hipótese de que a morte, na poesia de Júlia Cortines, exprime o desejo de buscar a sua individualidade como mulher. Trata-se da morte impregnada pelo delírio romântico, a morte-gentil.

O que mais se afastava da fala da poetisa era a idéia de vida, uma vez que centrava a sua temática na idéia da morte. Esta apresenta-se como uma armadilha que conduz ao desejo secreto da autora: o de se afirmar como Ser no mundo. Os versos do poema "Eu estou fatigada", publicado em **Vibrações**, exprimem o cansaço e o desânimo de um ser que procura a sua afirmação através de uma luta constante contra empecilhos indefinidos: Eu estou de lutar tão fatigada/Dá-me a paz, que só tu a podes dar! Eu estou de pensar tão fatigada:/Dá-me a calma que espelha o teu olhar!

As representações se originam de percepções e são repetições dessas. As representações do desejo, em Júlia Cortines, são repetições de uma libido recalcada. O que foi percebido poderá ou não ser integrado ao ego. Ou seja, a libido como expressão vital é perceptível no inconsciente, que é livre de negações, e transformada pelo ego numa representação negativa — a morte. O elemento positivo deve ser integrado ao indivíduo, deve merecer o atributo

de "bom" para que possa fazer parte do seu ego e tornar-se real e visível externamente. Só assim é possível se aposar desse elemento positivo sempre que for preciso.

Resumindo: algo foi percebido, no caso de Júlia Cortines e o seu desejo de ser no mundo, se afirmar como ser mulher; em seguida, foi reproduzido como representação e reprimido através da denegação — a morte.

Júlia Cortines conhece o desejo, que está latente enquanto pulsão, pré-existe e se quer presente, real, mas aparece reprimido através da negação. Sua poesia está repleta de negações e ausências, não só na temática central da morte, como nas secundárias que falam da noite, do inverno, do deserto e do silêncio. Nem o leve ruflar de uma asa; nem um grito, /Fazendo estremecer o deserto que dorme./Como uma flecha, vara a mudez do infinito.

No ensaio "Mais Além do Princípio do Prazer", Freud assinala a presença de dois instintos no ser humano: o que conduz à morte e o que aspira à renovação da vida, impondo-a sempre de novo numa compulsão para a repetição.

O princípio do prazer é regulado pela quantidade de excitação existente na vida anímica, o desprazer significando a elevação, e o prazer a diminuição da mesma. A inclinação ao prazer é constante, faz parte do indivíduo cuja tendência é procurar conservar sempre baixa a quantidade de excitação.

Porém, o princípio do prazer sofre a inibição do princípio da realidade, que nos força a aceitar o desprazer por certo tempo, uma espécie de adiamento da satisfação ou uma renúncia em alcançá-la. A neurose surge desse recalque do prazer que não pode ser sentido e, por isso, se transforma em angústia — uma expectativa não se sabe do quê.

A repressão transforma o prazer em desprazer, anulando as possibilidades da busca desse estado de totalização. A busca do prazer parece ser intensa na mulher e vai

se mostrar através da literatura, de forma insistente. À medida que o social permite, a literatura feminina vai expressar essa procura, na fala do desejo reprimido: "Por que, ó Natureza, essa surda ansiedade/De sentir, de gozar por toda a eternidade?"

Quando a repressão recalca a consciência do prazer, a libido é bloqueada e se transforma em energia negativa. O inconsciente constituído pelo recalque é uma outra natureza que nos move e nos conduz no sentido da pulsão de morte. Não se trata da morte orgânica, mas sim da morte dos interesses do organismo biológico, promovendo um ataque interno a objetos estimulantes e perigosos para o EU. A morte psíquica do indivíduo leva-o de volta a um estado de total ausência de excitação, ao princípio zero.

A pulsão de morte se mostra como a tendência a se livrar de tudo o que sobra, de todo e qualquer resíduo. O excedente da libido não investida gera a angústia e a dificuldade em enfrentar esse excesso.

A poesia de Júlia Cortines está impregnada dessa pulsão que pressiona para o retorno ao inorgânico, ao estado de não percepção e de aniquilamento, como podemos observar em "Versos de um suicida", de **Vibrações**. Vale a pena morrer; fugir do mundo/As trilhas de selvática aspereza,/E mergulhar de novo no profundo/Abismo da profunda natureza./Que, se a Morte não pode a humana essência/Erguer, voando, à abóboda sidéria/Ao menos nos dará a inconsciência/E o repouso no seio da Matéria.

Além da pulsão de morte como forma de escape ao desejo reprimido, uma imagem aparece insistente na poesia simbolista: a do ser alado, simbolizando a ânsia de evasão e de liberdade, uma espécie de sublimação do desejo. A menção constante das "asas" na poesia de Júlia Cortines nos remete de volta à mulher esfinge, que rejeita a condição de estátua e anseia pela liberdade de voo, símbolo do ser liberto.

O que torna o pássaro belo não são apenas as suas cores, mas também o seu vôo. E é esta a representação marcante na poesia feminina. O vôo como a lembrança perdida de algum sonho esquecido, ou como a recompensa que advém após longo sofrimento. Na esfera da felicidade, sentimos que, instintivamente, o nosso corpo se eleva, no prazer de ser capaz de atravessar o espaço e flunar suavemente. Asas! Ave quer vais para longe, eu quisera/Asas para transpor como tu a amplidão.

O sistema de representação privilegiado pela estética simbolista do final do século aparece centrado na morte, na aspiração ao espaço da não-condição. Nesse sentido, o discurso do homem e da mulher se igualam, pois tematizam a mesma busca do Nirvana. A diferença se instaura no momento em que a mulher se apresenta como sujeito do discurso, desviando os rumos do desejo, permitindo que se veja, na morte, uma sublimação que extrapola àquela vista na poesia masculina.

A grande questão colocada pela poesia de Júlia Cortines diz respeito à situação da mulher, vista como elemento de desorganização. Daí a tendência ao aniquilamento, ao desejo de paz como forma de repúdio por todo tipo de desordem estabelecido no momento em que insere, no discurso até então unívoco, a fala do desejo do outro.

A consciência de ser mulher apresenta o desvio da ordem pré-estabelecida como norma. Em "Sinal na frente", a poetisa se apresenta sujeito do discurso, mostrando como a sociedade rejeita a fala da mulher. Rica de juventude são, dourada/Vibra um hino de amor; e não de chamar-te/De doída e deslocada.

A poesia de Júlia Cortines mostra, na fala do desejo reprimido, o sofrimento que consiste em viver: toda dor advém do fato de viver, o sofrimento não era a morte, era a vida.

A denegação da vida era uma forma de afirmar o desejo recalçado que aparecia na repetição temática da morte, esse estado onde o investimento deixa de existir e a ausência total e o nada passam a exprimir o desligamento, um espaço vazio que poderá ser preenchido com o novo ser.

O espírito decadentista, característico do período em que viveu Júlia Cortines, serve de respaldo a essa poesia onde o resíduo reafirma, na morte, o desejo de viver. É é na escrita que se instaura o paradoxo: denega a vida, mas perpetua-se na palavra, inscrevendo, no discurso da Morte, a fala do desejo feminino que se quer imortalizado. Antes de mergulhar no silêncio da morte, /Ou da idade sentir a fraqueza e o torpor, /Eu quisera lançar, num supremo transporte, /Meu grito de revolta e meu grito de horror.

Júlia Cortines representa o domínio de Tanatos, numa fala-a-menos onde a libido se mostra sublimada através do discurso que procura aplacar a guerra entre o corpo e a alma. A sublimação, na poesia de Júlia Cortines, resulta da repressão imposta à mulher, uma saída para satisfazer os instintos reprimidos. Um dos mecanismos utilizados no sentido de produzir a dessexualização da vida é a negação do elemento vital. A sublimação, como forma de escape à repressão do desejo, será retomada no início do século com Gilka Machado, na tentativa de construir um ego dionisíaco, o que só será reconhecido na literatura feita por mulheres depois de 1970, quando o erotismo e o hedonismo serão a principal marca desse discurso silenciado por séculos...

Bibliografia

CORTINES, Júlia. **Versos**; com um prólogo de Lúcio Mendonça. Rio de Janeiro: Tip. Leuzinger, 1894.

CORTINES, Júlia. **Vibrações**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1905.

FREUD, Sigmund. A Negativa (1925). In: **Obras Completas**. v. XIX (1923-1925). Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. Mais além do princípio do prazer. In: _____. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 8.

